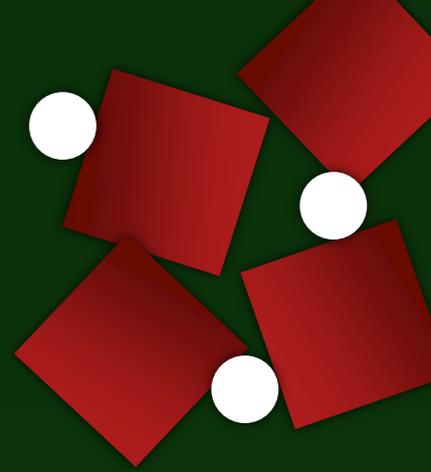


**Mãos que fazem, mentes que transformam:
110 anos de educação profissional no Brasil**

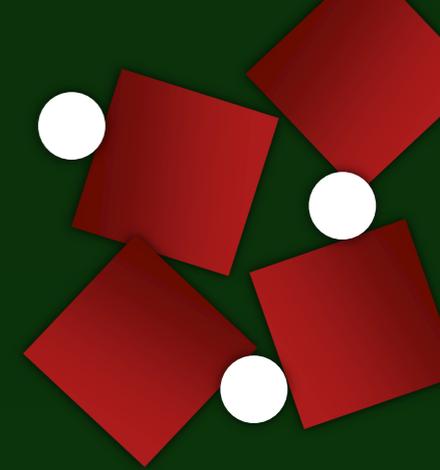
**Prof. Dr. Denio Rebello Arantes
Reditec Sul 2019**

Esta apresentação



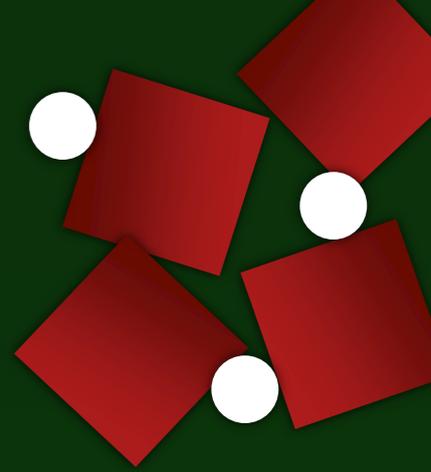
- contexto;
- sumário:
 - história;
 - presente: porque está dando certo e onde estão os riscos;
 - uma visão de futuro;
- conclusão;

História 1



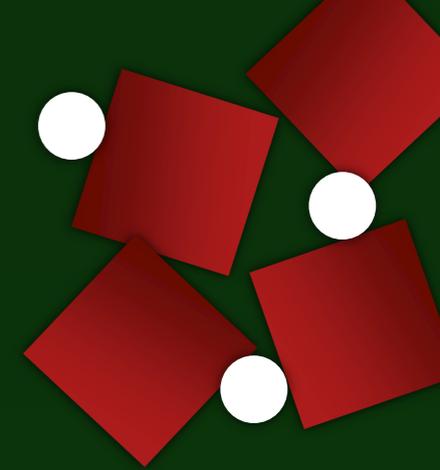
- movimento histórico:
 - do muito simples e artesanal p o complexo; muito “mãos” no início e cada vez mais “mentes” atualmente;
 - acompanha a evolução da organização do trabalho; (alguns poderiam chamar isso de subserviência ao mercado...);
- função social para além da educacional: no início muito forte, seguido de afastamento relativo e recuperação na expansão dos IF;
- qualidade educacional: poucas referências nas décadas iniciais;
 - conquista lugar de destaque a partir da década e 70;
 - chega à posição de referência nacional nos dias de hoje;
- estrutura organizacional: de uma “casa correcional” à instituição multicampi;
 - mantém hoje fracionamento do atendimento ao estudante (diversos “atendimentos” desconexos), não é centrado no aluno;

História 2



- transformação em Cefet (incremental, sem grandes mudanças conceituais):
 - dependeu em parte da pró-atividade dos gestores;
 - influência do meio (ver PR e SP);
 - crescimento gigantesco na expansão;
 - tamanho da graduação e da PG (verticalização);
- relação com o ambiente:
 - muito forte e evoluiu com os IF p o conceito de territorialidade;
- lei de criação dos IF moderna com visão de uma instituição diversa das tradicionais, de certa forma acima de seu tempo, como a constituinte de 88;

História 3

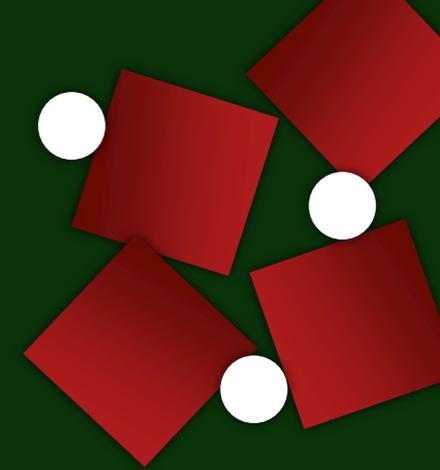


➤ transformação em IF:

- não foi uma evolução incremental, como foi a transformação em Cefet, cuja a tendência era uma evolução para o modelo universitário;
- evolução em certa medida disruptiva, para um novo modelo:
 - retomada histórica de atendimento aos “invisíveis”, tanto pela capilaridade quanto pelas cotas e cursos voltados para comunidades “invisíveis”;
 - nova organização, novos objetivos e finalidades;
- na palavra dos reitores, na época que a expansão estava mais forte:

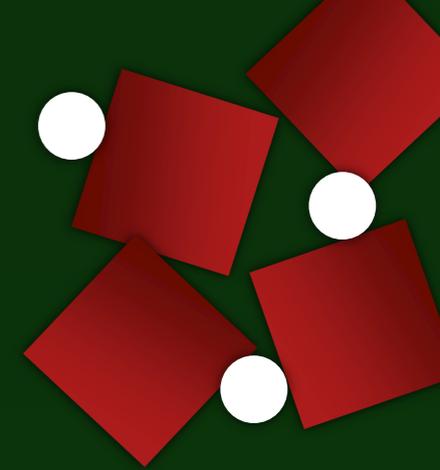
“não é simplesmente mais do mesmo (um aumento do que já fazíamos), as ações são novas (atribuições), o modelo organizacional é novo (descentralizado), muitas obras, muitos servidores novos”;

História 4



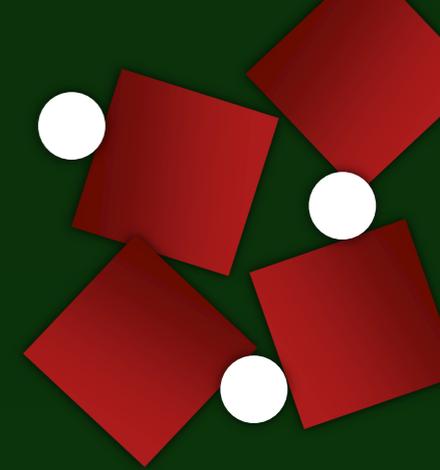
- nova organização, novos objetivos e novas finalidades;
 - conceito de territorialidade, maior que APL;
 - verticalização (de novo do “simples ao complexo” refletindo em particular a diversidade do próprio BR, onde convivem atividades extremamente simples com atividades extremamente complexas);
 - recebeu função que historicamente não era sua, formação de professores: na vertente ensino (ainda contestada por parte da comunidade);
 - multicampi: estar onde precisa e não provocar migração dos estudantes rumo ao “centro” (atender localmente) (“efeito Mauro”);
 - descentralização organizacional (democracia interna);
 - auto reconhecimento como rede (reconhecimento social da rede está em construção);

História 5



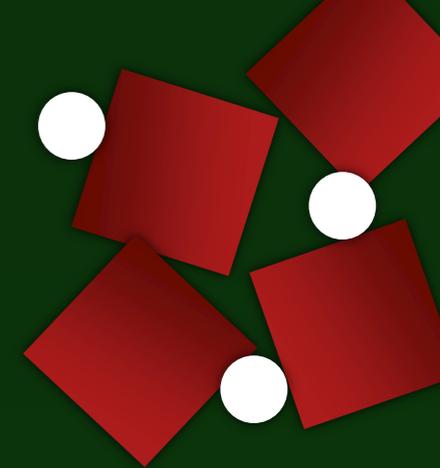
- nova organização, novos objetivos e novas finalidades;
- manutenção da excelência: muitos apostaram no nosso fracasso que decorreria da grande e rápida expansão (matrículas basicamente multiplicadas por 10, da casa da centena de milhares para casa dos milhões);
- presença nacional e regional em cada estado;
- menos pessoas envolvidas do que estávamos acostumados: servidores não chegaram a triplicar (compare com o nº de alunos); $<3x \Rightarrow \sim 10x$
- sem similar anterior;

Presente 1: porque está dando certo



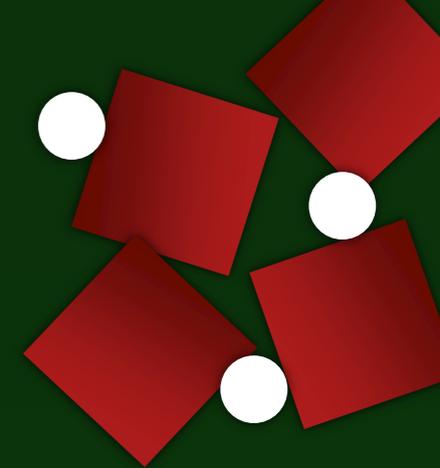
- história pregressa, raízes fortes (sociais, servidores, endogenia);
- proposta contemporânea e de base sócio-político-ideológica coerente;
 - recorte social (estudantes de todas as camadas sociais, gêneros, etnias e gerações, convivendo no mesmo espaço); verticalização; interiorização; territorialidade; desenvolvimento de políticas e ações em rede; modelo pedagógico (+ou-);
- apoio político quase irrestrito do governo federal e, na grande maioria dos casos dos governos municipais (obrigatoriamente envolvidos), em alguns casos tb os estaduais;
- Conif;
- grande entrada de novos servidores (<>);
- intelligentia da rede;

Presente 2: onde estão os riscos



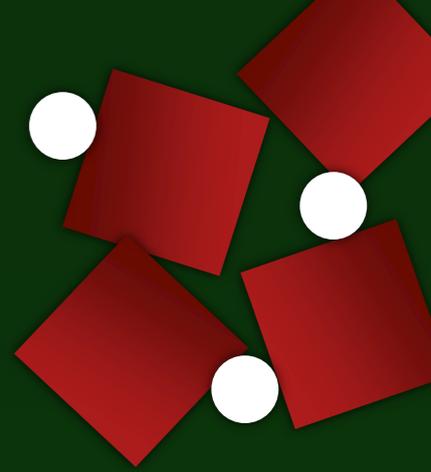
- aculturação: modelo universitário;
 - ensino:
 - conhecimentos em vez de competências;
 - afastamento da realidade;
 - excessiva disciplinaridade;
 - “charme” do nível superior;
 - pesquisa:
 - afastamento da realidade;
 - significância social, “paperismo”;
 - excessiva disciplinaridade;
 - inovação incipiente;
 - extensão: menos “contaminada”;
 - inovação incipiente;

Presente 3: onde estão os riscos



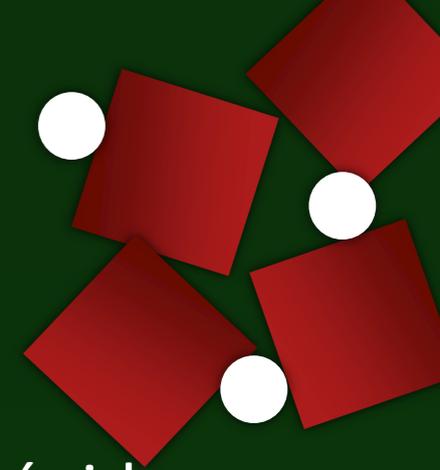
- aculturação: modelo universitário;
 - organizacionais:
 - geral caminha bem: Conif, reforçar atividades de divulgação;
 - interna:
 - risco da departamentalização (disciplinaridades);
- pouca prestação de contas à sociedade no formato correto;
 - sociedade cobrará cada vez mais os “resultados” do investimento;
 - comunicação reativa;
- setor produtivo: trabalhar junto mas não subordinado;
- atendimento aos setores “invisíveis”:
 - recuar em função da falta de financiamento;
 - se “afogar” por falta de financiamento;
- persistência indefinida na repetição do modelo de ensino atual:
 - “a doença dos grandes resultados atuais”;

Futuro 1: meio ambiente social



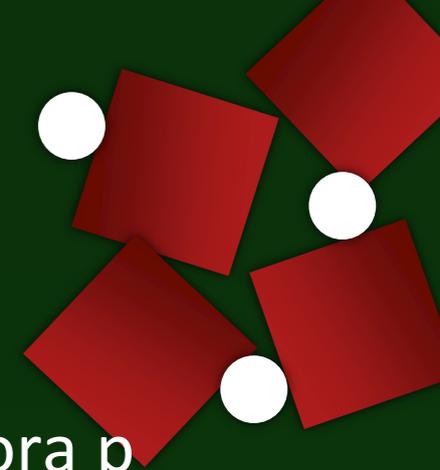
- meio ambiente social: aceleração das mudanças
 - em 1984 o ciclo tecnológico de um produto/empresa era de 30 anos, 2012 passou para 5 anos;
 - entre as 10 mais valiosas empresas do mundo só duas não são de tecnologia (bancos, e no fim do ranking);
- organização social volátil: fidelização menor (partidos, sindicatos, organizações, relacionamentos); afastamento da realidade:
 - organização da produção: cada vez mais objetos e interfaces entre o trabalhador e sua “produção”;
- IF: a maior inovação organizacional na educação (pública);
 - como toda inovação é na ação que se testará seu sucesso;

Futuro 2: mudanças no modelo



- locus da aprendizagem: IEs estão perdendo a exclusividade (será mais rápida na medida da redução “cartorial”, “diplomista”);
 - itinerário de aprendizagem individual (crescerá na medida do avanço da big data e da IA);
 - self learning (crescerá de acordo com a disponibilização organizada e acessível dos conhecimentos, assim como avanço da big data e da IA);
 - modelo centrado no estudante;
 - aumento do relacionamento informal instituição-estudante;
 - metodologias “ativas”;
- aspecto ainda restritivo a este movimento: prática profissional e principalmente a convivência (nossas IF são especialmente interessantes neste aspecto, decorrente do recorte social e da verticalização);

Conclusão



- anteriormente: transformações de origem exógenas, movimento de fora para dentro, apesar de no caso da transformação em IF, participamos do processo, mas não o iniciamos;
- agora devemos tomar o processo em nossas mãos, controlá-lo e direcioná-lo, claro que em diálogo com a sociedade;
- modelo tem todas as condições de dar certo, mas devemos desapegar do sucesso presente e nos preparar para o futuro; educação é conservadora mas a velocidade de mudança está acelerada;

OBRIGADO!